

Resumo: O artigo pretende ser um ensaio de correlação teológica entre os desafios atuais da Amazônia e alguns pressupostos da Teologia da Criação. O objetivo é contribuir teologicamente para uma vivência mais inculturada da fé e propor ações concretas para a práxis da libertação em contexto Amazônico.

Palavras-chaves: Amazônia, floresta, água, xamanismo, criação.

Abstract: The article intends to present an essay on theological correlations between the current challenges of the Amazon region and some aspects of the Theology of Creation. The objective is to contribute theologically for a more acculturated living of the faith and to consider concrete actions for the praxis of liberation in the Amazonian context.

Key-Words: Amazon region, forest, water, xamanism, creation

Os desafios atuais da Amazônia como base para uma TEOLOGIA DA CRIAÇÃO – ECOLÓGICA

*Ricardo Gonçalves Castro**

* Padre da Congregação dos Missionários da Consolata; Mestre em Ciências da Religião pela Universidade de Louvain (Bélgica); Doutor em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia N.Sra. da Assunção; Professor no Instituto de Teologia, Pastoral e Ensino Superior da Amazônia; Professor visitante do Instituto Esperança de Ensino Superior; Assessor do Instituto de Pastoral Regional, IPAR, Assessor da Associação Serviço de Ação, Reflexão e Educação Social.



Introdução: O desafio de teologizar a Amazônia

Como comunidade de fé, devemos uma reflexão sobre a história e a realidade em que vivemos. A teologia deve em cada contexto articular fé e realidade histórica e cultural. Vivemos na Amazônia, um dos maiores ambientes de biodiversidade e de povos indígenas do Brasil. Vivemos num momento histórico para a Amazônia, que exigirá da fé discernimento, escolhas e ações proféticas.

Aqui, por bem ou por mal, a fé cristã se implantou e gerou modos próprios de expressão. O ambiente que nos rodeia é próprio, quase que necessário para uma teologia que tem seu ponto de partida na criação. O objetivo desta reflexão é relacionar as questões atuais da Amazônia com a teologia da Criação. A partir da fé, queremos responder aos apelos de Deus que vem até nós no grito do grande pobre – a Amazônia - e dos povos que aqui vieram ou estão em busca de vida. Mais que ser exaustiva, esta reflexão quer ser somente um estímulo, um levantamento de elementos para uma reflexão teológica que ajude a fazer valer nossa fé indígena, cabocla e multiracial. Nossa pretensão neste momento crítico de nossos povos, rios, florestas e animais, é ponderar à luz da fé sobre este momento histórico peculiar da Amazônia.

1. O que é a Amazônia?

Freqüentemente, a Amazônia é pensada somente como uma geografia, um bioma ou um espaço de interesses geopolíticos e econômicos que deve ser preservado. Amazônia é, antes de tudo, um paradigma de vida, uma cosmovisão, um modo de se relacionar com a natureza, com Deus e o mundo. O poeta do Boi-Bumbá fala de “abrir os olhos e ver a festa da natureza que os deuses pintaram para nós – Água, terra, fauna e cultura, obra-prima emoldurada de flores.”¹ Os povos que aqui viveram e vivem são naturalmente religiosos, aprenderam dos seus antepassados indígenas, nordestinos e missionários europeus, que entrar nestas matas é se inserir no grande mistério do cosmo. Mistério que apela as forças mais profundas do inconsciente, até os tabus da relação com as matas, com as águas e animais selvagens.

Nos mitos e símbolos da Amazônia, rios e águas, florestas e matas são fontes de vida e morte, devem ser reverenciados, temidos, e com

1 Demetrios Haidos/Geando Pantoja/Naferson Cruz “*Aquarela da Amazônia*”, Solo de David Assayag, Álbum: Garantido 2005 - A Festa da Natureza.



estes se deve tecer uma relação amorosa e afetiva. Todavia, a falta de políticas apropriadas para a Amazônia, onde ainda subsiste a força do coronelismo e do apadrinhamento, combinada com a força do capital estrangeiro madeireiro, ganadeiro, sojeiro e minerador, gera as grandes migrações ribeirinhas e indígenas para as cidades, trazendo uma série de problemáticas sociais e ambientais. A constante poluição dos grandes rios, mata não somente rios e peixes, mas a alma dos amazônidas.

2. Amazônia e seus desafios

Compreender as grandes questões Amazônicas é fazer uma relação entre o processo histórico aqui desenvolvido a partir da colonização, com o resultado destas etapas históricas vividas na atualidade. A colonização, que não é somente uma etapa histórica mas uma mentalidade, que desde a primeira etapa ocorre pelos rios da Amazônia, caracterizada principalmente pela atividade extrativista. Ainda hoje se pensa que se pode usar de modo indiscriminado os bens da Amazônia sem pensar no limite de seus recursos em relação às gerações futuras e à vida do planeta. O processo histórico de integração nacional da Amazônia vai gerar o latifúndio. As populações provenientes do sul e do sudeste do Brasil não conheciam os dinamismos de vida desta região geográfica e geraram um processo predatório principalmente de florestas, para o cultivo das monoculturas e pasto para o gado.

O discurso desenvolvimentista vai trazer para a Amazônia os pólos industriais e a navegação comercial, que são os principais poluidores dos rios, principalmente dos igarapés próximo ou dentro das cidades. Esta estratégia vai levar grande quantidade de populações ribeirinhas para o inchamento tanto das pequenas cidades do interior, como das capitais. Elas se tornam mão-de-obra barata para as indústrias que aqui se instalaram. Esses novos contextos vão gerar quantidade enorme de lixo e de poluições dos rios, de problemas sociais para a população que, proveniente da área rural, vai se tornar moradora das periferias, sem condições básicas de vida digna. Ainda está por se concretizar uma política que beneficie os habitantes da Amazônia e que valorize de modo adequado o potencial de riqueza aqui presente.

Frente a um processo galopante de destruição da floresta e das poluições dos rios, somado com as grandes problemáticas ecológicas mundiais, a Amazônia parece carecer de imediato o resgate de uma percepção mais abrangente da Ecologia e de políticas adequadas que



tenham como base a relação vital existente entre seres humanos, rios e florestas.

3. Resposta teológica à Amazônia-Mãe

1.1. Teologia da criação em contexto

O ser humano é chamado a reconhecer sua universalidade e naturalidade. Partilhamos com os outros seres humanos valores e aspectos fundamentais. Partilhamos também, com todos os seres vivos e o cosmo, elementos comuns. Mas esta compreensão se dá a partir de um contexto. A identidade humana se desenvolve dentro de uma realidade local, em um contexto e uma cultura. Deste modo, a condição humana se compreende primeiramente situando-a no universo, na terra, na criação e não na separação. Deste modo, saber quem somos, é inseparável de saber onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. O distanciamento e o estranhamento com a terra, a natureza, impõe a supremacia da mente e da razão, que fragmenta e se torna destrutiva de seu próprio ambiente.² O distanciamento da terra gera o divórcio entre mente e corpo, que gera uma deterioração progressiva das capacidades humanas, tais como percepção, discernimento e criatividade. As tecnologias nos níveis atuais embruteçam nossos sentidos, incapacitando-nos de compreender e interpretar corretamente a realidade através de nossos sentidos. O que vemos são imagens distorcidas, produzidas pela câmara fotográfica ou televisiva, pelos frigoríficos, comidas rápidas e materiais industrializados.

O grande desafio é harmonizar, religar, integrar nossa humanidade, compreendendo que o ser humano é multidimensional e complexo. Aqui talvez se encontre a possibilidade de ponderar sobre a necessidade de uma teologia da criação. Basicamente, fazemos teologia para nos compreendermos frente ao mistério de Deus e aceitar seu desígnio e projeto para nossa vida. A compreensão do que somos, de onde viemos, e para onde vamos, passa também pela localização do ser humano na criação de Deus. Nossa busca de Deus está diretamente ligada ao nosso anseio de autocompreensão como seres e partícipes inteligentes de uma grande teia de vida.

Pode-se fazer uma teologia contextual que esteja basicamente centrada na Criação. Na teologia, centrada na criação, o mundo criado

² Cf. MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 47.



é sacramental. É o lugar onde Deus revela sua divindade. A revelação não é um evento separado da vida (superação do dualismo: sagrado e profano), que ocorre somente em lugares e espaços sagrados, circunstâncias estranhas e fora do mundo ou através de palavras ritualísticas. A revelação se dá na vida diária, com palavras ordinárias, através de pessoas normais. Nesta teologia se pode falar de “sementes do Verbo”, “sinais do Reino”, “vias legítimas de salvação”. Esta teologia se aproxima da vida com espírito e imaginação analógica, não dialética, que vê uma continuidade entre a existência humana e a realidade divina.³

A teologia da criação em contexto, na valorização da criação, não é ingênua frente ao mundo, olhando seu aspecto positivo e esquecendo a dimensão do pecado. Esta teologia não nega a realidade pecaminosa e caótica da criação. O pecado, contudo, é visto como aberração do mundo bom feito por Deus, e a única forma de se confrontar com esta realidade é com o poder do bem e do belo.

Na teologia bíblica da criação, a narração está construída como se narrada por um nômade do deserto que anela chegar a um oásis: no princípio, a terra era como um deserto que se contrapõe a um jardim ou parque, que o ser humano trabalha e cultiva. Estamos em pleno simbolismo, em que se fala de um paraíso que nunca existiu. Mas para o hebreu semi-nômade este é seu grande sonho. E a abundância o leva a pensar em quatro rios. Esta tradição vê Deus como aquele que cultiva, trabalha a terra. Desta terra Deus faz *Adam*, o telúrico, da *telus mater*. Sobre este barro ou pó, Deus sopra seu hálito, que dá origem à humanidade. O jardim do Éden significa prazer, volúpia, que pode ser considerada também como sinônimo de shalom – paz e harmonia, consequência da fidelidade à Aliança: a observância dos mandamentos. O homem não nasce para a solidão ou para a supremacia, nasce para a comunhão com a mulher. Nasce a fertilidade e o sexo como realidade natural, desmistificada das concepções hierogâmicas ou de matrimônios divinos das culturas mesopotâmicas.⁴

A outra narrativa de Gênesis, diferente da narrativa do ambiente desértico, é de umidade, de muita água, própria da região mesopotâmica. Nesta perspectiva, Deus cria pela sua palavra. A criação é obra de sua atuação verbal. Na separação das águas primordiais não há luta contra o

3 Cf. TRACY, D., *Dar nome ao presente*, in: Concilium, 227 (1994/1) 66-87.

4 Cf. VAN DEN BORN, A. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, p. 315-316.



caos, somente a palavra soberana de Deus. A obra da criação é ordenar para que toda espécie de vida possa ter seu hábitat. Acima de tudo, há a afirmação da bondade sem reservas da criação. Frente ao pessimismo e à situação caótica, prevalece a vitória cósmica de Yahweh.

A narrativa da criação termina com a queda. O pecado do ser humano (mítico e simbolizado pelo comer do fruto da árvore do bem e do mal), consiste em não aceitar sua criaturalidade, sua contingência criatural, querendo ser como Deus. O ser humano terá que aprender a encarar sua criaturalidade, aprendendo a assumi-la até sua última consequência no confronto com a morte.

O ser humano, portanto, é um ser criado da terra e que retorna à terra, interconectado pela mesma energia que emana da própria terra e que o faz um ser vivente (*nefesh*). Este ser vivente é animado por um espírito, que recebe de Deus, que lhe é soprado pelas narinas, com que comunga do poder da *Ruah* (Espírito, brisa, sopro da divindade). Mas esta *ruah* não faz com que o ser vivente seja uma alma, como traduz Almeida. Pelo contrário, é a brisa que anima o corpo e que lhe dá textura. É a palavra (*Dabar*) de Deus que se encarna neste primeiro ser humano. Deus se esconde em sua criação, para deixá-la ser, não se comportando como usuário, mas ensinando-nos o sentido da gratuidade, da celebração e da festa.⁵

3.2. A floresta

Uma teologia da criação que se mantém em contato com as intuições da terra caminhará às apalpadelas, historicamente e lentamente. Preocupar-se-á com o retorno à sabedoria da terra e da criação. Vai preferir a verdade que mora neste mundo e não aquela do hiperurânio. Compreenderá que Deus se revela também pelo mundo natural, a terra, as plantas e os animais. Diálogo com o mundo criado será seu método. Deixará para trás a compreensão de que o mundo é “um vale de lágrimas e um lugar de exílio”. Salvar terá um significado holístico e ecológico, que inclua o resgate da humanidade e da natureza.

A floresta é uma fonte extraordinária da revelação de Deus. Na floresta é impossível ser agnóstico ou ateu. A relação com Deus é simples e espontânea, sem dualismos. Quem mais experimenta a sacralidade da

⁵ Cf. MERTON, T., *Novas sementes de contemplação*, p. 198-199.



floresta, além dos povos indígenas, são os cientistas. Hoje ecologistas, cientistas e físicos falam com entusiasmo dos inefáveis mistérios da criação. A floresta não é apenas um cenário inanimado de colorido. Ela é um templo. Nossos ancestrais souberam compreender esse fato e foram capazes de desenvolver um íntimo e amoroso relacionamento com ela.

A Teologia terá importância no contexto amazônico se tivermos os pés sobre a terra. A Teologia pode abrir vastos horizontes sobre o mistério de Deus, mas é a contemplação e os estudos do mundo natural que nos ajudam a sentir os apelos de Deus. Na colonização da Ameríndia, não houve nenhuma consideração pelas tradições espirituais indígenas. Os colonizadores escravizaram seus corpos e os missionários torturaram suas almas. Hoje, sofrem-se as nefastas conseqüências desse processo civilizatório iníquo.

Há uma necessidade de buscar um novo paradigma para a saga humana sobre este planeta. Para se chegar a esse novo paradigma é preciso retroceder no tempo e resgatar as valiosas contribuições dos nossos antepassados. Compreender a necessidade de uma opção ética e espiritual para resolver o antagonismo hoje existente entre o ser humano e a natureza. No âmbito da política institucional, os problemas a serem enfrentados são complexos. Devido à opinião pública mundial, o sistema se sente obrigado a orientar melhor suas estratégias econômicas em função da importância de necessidades ambientais. Contudo, a lógica do capital continua a mesma. O sistema econômico mundial dirigido pelos países ricos tende ainda hoje a onerar os países em desenvolvimento, dilapidando seus recursos naturais.

Além dos povos indígenas sobreviventes e resistentes de um processo colonização que dizimou vidas humanas e a natureza, existem os povos mestiços que estão longe de possuir o esplendor de seus antepassados. Muitas dessas populações estão isoladas, marginalizadas e carentes, cujo risco de extinção é tão preocupante como a de animais raros. Nos ermos dos igarapés da Amazônia se encontram os remanescentes dos imigrantes vindos do Nordeste brasileiro nos finais do século passado, fugindo da grande seca. A segunda migração de nordestinos para os seringais se deu durante a II Guerra Mundial. Os nordestinos, miscige-



nados com as populações índias e mestiças, fazem parte das chamadas comunidades tradicionais que ainda hoje vivem no estilo decadente dos avós nos seringais da Amazônia.

3.3. Água – Rios da Amazônia

Chamada carinhosamente de “Pátria das águas” pelo poeta caboclo Thiago de Mello⁶, a Amazônia concentra aproximadamente 12% da água doce disponível no mundo. Suas baixas concentrações populacionais são desproporcionais à quantidade grandiosa de água, sendo que na região sudeste, onde a concentração populacional é maior, a situação se inverte, o nível de água é bem menor. Mesmo que não haja escassez de água na região, ela não consegue chegar aos lares de todos os amazônidas. As cidades da Amazônia são os principais lugares onde os rios morrem, são contaminados pelo lixo da cidade, por arsênio, cromo, chumbo e mercúrio.

Os rios são o habitat de uma variedade imensa de peixes e animais que tiram seus alimentos das águas. A pesca predatória, a contaminação dos rios, ameaçam cada vez mais essas formas de vida.

Os habitantes da Amazônia vivem sob os ciclos dos rios e igarapés. As enchentes são fase mais prolongada, indo de dezembro a abril. As cheias são mais curtas, entre maio e junho, período mais rico na produção de vida desta região. As vazantes são um momento intermediário, e a seca, que é a etapa mais curta desses ciclos, é preocupante para muitas formas de vida ameaçadas tanto pelas secas prolongadas, como pela predação. Todos esses aspectos exigem uma compreensão cada vez mais profunda e interdisciplinar da questão. Fala-se muito de desenvolvimento sustentável como a possibilidade de salvar a Amazônia e todas as suas formas de vida.

Cuidar das águas localmente e globalmente é um dos maiores desafios éticos e religiosos para os cristãos na atualidade. Água é um símbolo poderoso para cristãos e para muitas outras tradições religiosas. O próprio Espírito de Deus, no batismo, faz nascer no coração do crente

⁶ Thiago de Mello é o nome literário de Amadeu Thiago de Mello, nascido a 30 de março de 1926, na pequenina cidade de Barreirinha, escritor por ofício, dom e precisão, caboclo.



“rios de água viva”.⁷ Precisamos uma teologia das águas, mas acima de tudo, precisamos respeitá-las como o fez Jesus de Nazaré. Nossa luta pela água pura dos mananciais, rios e lagos possui uma dimensão religiosa, para que ela continue sendo água da vida, não somente fonte da vida, mas sustentadora de toda a criação. Como São Francisco devemos ser capazes de dizer “Louvor a ti, Senhor, pela irmã água que é útil, humilde, preciosa e casta”.

3.4. A religião tradicional Indígena – Xamanismo

Apesar da categoria antropológica do Xamanismo assumir uma generalidade teórica razoável, deve-se de modo constante ter em mente o fato concreto das culturas xamânicas apresentarem diferentes historicidades, cosmovisões, níveis econômicos e formas de organização social.

Este termo tornou-se, a partir do século XIX, a categoria na qual a visão de superioridade racial européia vigente juntava tudo o que julgava “primitivo”, supersticioso e selvagem das “inferiores” culturas tribais, consideradas – quando muito – como apenas “mágico-religiosas”, mas nunca possuidoras de estruturas verdadeira ou superiormente religiosas. No entanto, a partir da metade do século XX, estudiosos como Claude Lévy-Strauss, Mircea Eliade, Joseph Campbell, Richard E. Schultes, Robert G. Wasson, Darci Ribeiro, Roberto da Matta, Michael Harner e outros, abordaram estas culturas mais profundamente, utilizando modelos mais apropriados às dinâmicas culturais estudadas. Proliferaram as discussões e as mudanças do paradigma pelos quais os povos xamânicos eram até então vistos, passando-se a uma valorização de suas formas de relações sociais e práticas espirituais.

Hoje se pode falar de um neo-xamanismo. Este nasceu nos grandes centros urbanos, durante o movimento contracultural dos anos 60. Ele aparece como um movimento espiritual oriundo do universo terapêutico alternativo. Tem como base um conceito holístico de cura segundo o qual corpo, emoções, mente e espírito articulam-se num só sistema interligado (*hólon*), onde o espírito afeta o físico e o individual se integra ao grupal. Estudos sociológicos e antropológicos apontam como uma das causas

7 **Jo 4,14:** “... O que beber da água que eu lhe der jamais terá sede. Mas a água que eu lhe der virá a ser nele fonte de água, que jorrará até a vida eterna.”



do tremendo sucesso do movimento pentecostal e neo-pentecostal de diversas formas no contexto amazônico, a alma xamânica do amazonense. Em encontros de oração, cultos e devoções, se experimenta o mundo do espírito através de experiências emocionais, extáticas, onde se escutam vozes, ora-se em línguas e se manifestam espíritos malignos.

A pajelança é uma forma de xamanismo em que se dá a ocorrência de incorporação pelo pajé, sendo seu corpo tomado no transe ritual por entidades conhecidas como encantados ou caruanas⁸. Os rituais xamânicos pretendem uma conexão com a Mãe Natureza e o mundo espiritual. Os espíritos que podem ser aliados ou adversários podem auxiliar ou atrapalhar, podem curar ou adoecer, podem ser aplacados ou instigados. Pode-se entrar no mundo dos espíritos através dos sonhos ou das visões. Pelo sonho fala-se com os ancestrais, familiares e entidades míticas; pode-se aprender sobre as origens das coisas, como curar doenças, dominar as forças mágicas que compõem a natureza, fazer feitiçaria. O estado do sonho é tão ou mais real que o da vigília, e nele é que se realizam as maravilhas que mantêm o mundo existindo, funcionando em harmoniosa fluência. É o momento de re-olhar e aprender os valores perdidos da celebração significativa, do êxtase espiritual transformador, da pedagogia da interdependência e liberdade pessoal, aliada ao respeito natural aos ancestrais e à relação familiar e comunitária. São estes valores que permitiram a sobrevivência e resistência indígena nos mais inóspitos ambientes por incontáveis gerações, e mesmo a teimosia de sobreviverem no mundo contemporâneo.

3.5. A Teologia ecológica

O termo ecologia é compreendido em um sentido mais amplo do que sua definição científica estrita; significa compreender a nós mesmos e nosso ambiente como parte da natureza. O conceito da ecologia traz em si a necessidade de encontrar nosso lugar no ecossistema. Teologia ecológica é compreender-nos como parte da criação de Deus. Com ligações inseparáveis dos seres humanos com o planeta.

Um dos ingredientes essenciais da teologia ecológica é a não-violência, que é a abolição de toda opressão tanto pessoal como estrutural:

⁸ MAUÉS, R. Heraldo e G. M. VILLACORTA. "Pajelança e encantaria amazônica". Trabalho apresentado nas *VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina*, São Paulo, 22-25 set. 1998.



os objetivos humanos não podem ser alcançados por meios desumanos. Os princípios da teologia ecológica são um conjunto de convicções religiosas e ao mesmo tempo uma espiritualidade que afirma a importância do respeito pela terra e por todos os seus habitantes, usando-se somente os recursos que são necessários e apropriados, reconhecendo os direitos de todas as formas da vida, e reconhecendo que tudo que existe é parte de um todo. Deus quer salvar todas as suas criaturas.

Para compreender a cosmovisão ecológica, é preciso reexaminar as questões de fé que dão forma a todas as cosmovisões. É preciso novamente nos perguntar frente à realidade e à luz da fé: Qual é a natureza do universo? O que significa ser humano? O que está errado com a vida, no modo como ela se apresenta hoje? Qual é o remédio? Como pode ser curada?

Compreender a Terra como um *organismo auto-regulador*. O termo Gaia, usado primeiramente por Jim Lovelock⁹, é aplicado frequentemente para descrever este conceito. A Gaia, com seus 3 ¼ bilhão anos, criou as circunstâncias que são agora vitalmente necessárias para a vida.

O ser humano não é o centro do universo. O antropocentrismo (a visão de que o universo existe para o ser humano) é nomeado como uma das causas dos problemas que a terra enfrenta. A humanidade é parte e não distinta da natureza. Mas, porque os seres humanos têm um poder maior de controle da natureza, eles têm uma responsabilidade maior para com ela.

Para os ecologistas, a fonte da alienação contemporânea é que nós nos tornamos estrangeiros da natureza. O ser humano (e não apenas no sentido genérico) se tornou demasiado central, dominando e perturbando a ordem natural: gerou desequilíbrio na Gaia.¹⁰ Este antropocentrismo resulta em um demasiado crescimento, tanto em termos de população

9 Cf. http://en.wikipedia.org/wiki/James_Lovelock. Nascido em 26 de julho de 1919, **James Ephraim Lovelock** é um pesquisador independente e ambientalista que vive na Cornualha (oeste da Inglaterra). A *hipótese de Gaia* foi sugerida por Lovelock, com base nos estudos de Lynn Margulis, para explicar o comportamento sistêmico do planeta Terra. A Terra é vista, nessa teoria, como um *superorganismo*.

10 Cf. BULFINCH, T., *O livro de ouro da mitologia*, Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. Gaia: Na mitologia grega, é a personificação da terra. É conhecida como a deusa-mãe, por ter dado origem ao mar e às montanhas.



como em termos econômicos, o que gera esgotamento rápido dos recursos da terra.

A maioria dos ecologistas concordaria que o que é necessário é uma mudança total na estrutura da sociedade. O crescimento necessita ser cortado drasticamente. O desenvolvimento sustentável, isto é, o que pode ser sustentado sem se ultrapassar os recursos de terra, e a necessidade de uma harmonia maior com a natureza, tendo reverência e respeito pela terra e seu ecossistema, é para os ecologistas o meio de salvar a terra.

Nossa visão de mundo, que tem sido a base para um processo de depredação constante da natureza, inclui uma percepção de domínio, de conquista e de exploração da natureza. A natureza é vista simplesmente como recurso para ser explorado pela tecnologia humana. O crescimento econômico torna-se o discurso mais importante para as sociedades, principalmente devido ao crescimento populacional. Existe uma crença inconsciente de que os recursos da natureza são inesgotáveis. Confunde-se alta tecnologia com progresso, desenvolvimento, civilização. As táticas de marketing, que induzem ao consumismo, são geradoras de lixo, poluição e destruição da natureza.

Uma teologia ecológica que pretende a vida do planeta tem como tarefa a reconciliação e harmonia do ser humano com a natureza. Concretamente, ela deverá ajudar as comunidades de fé a reconhecer o valor intrínseco da natureza. Fomentar uma vida de maior simplicidade e uso adequado dos bens da natureza que pertence a todos. Promover o princípio da sustentabilidade que nasce da consciência de que nosso planeta possui recursos limitados. A tecnologia precisa ser julgada a partir de critérios éticos ecológicos. Na ótica do cuidado, promoverá uma consciência crítica frente à sociedade do mercado, onde tudo tem um valor de consumo, e cuidará de nossa tendência consumista. Viver a fé será também adquirir hábitos de reciclar tudo que for possível. No contexto amazônico, promoverá um processo de evangelização inculturada, pautada pelos valores e práticas dos povos que aqui habitam.

Conclusão

Neste ensaio teológico, buscaram-se elementos para uma possível reflexão de fé na criação de Deus que seja significativa e libertadora para o contexto Amazônico. Na superação do dualismo fragmentador e pessimista das teologias da redenção, é importante construir este caminho



reflexivo a partir de alguns pressupostos. Dentre eles, o de resgatar a relação humanidade e terra, corpo e terra, terra sagrada que somos todos, dom de Deus. Tal relação se dará principalmente na compreensão, valorização e resgate de nossa identidade religiosa indígena.

Com a cultura cabocla ribeirinha é possível o aprendizado de uma sociedade sustentável, ou seja, que produza o suficiente para si e para os seres dos ecossistemas onde ela se situa; que toma da natureza somente o que ela pode repor; que mostra um sentido de solidariedade generacional ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão.

Com as populações das periferias das grandes cidades amazônicas, que se organizam em movimentos populares, partidos políticos e nas pastorais sociais, se faz necessária uma luta em conjunto pela superação da lógica do capital, de sistemas econômicos que olham somente para o lucro e não para humanidade e para o planeta. Nessa perspectiva, a florestania emerge como um grande desafio e também como um caminho a ser trilhado desde os povos que permanecem na floresta até aqueles que estão nas cidades amazônicas.

Numa perspectiva de uma Teologia da criação, a florestania aponta para uma nova práxis dos movimentos e organizações sociais dos povos da floresta: “*A florestania busca um novo pacto social e natural, onde a humanidade chegará a um novo arranjo com a natureza*” como afirma o jornalista acreano Antônio Alves – o “Toinho”.¹¹ Enquanto caminho a ser trilhado, a *florestania* pode ser vista também como uma nova política de desenvolvimento para a floresta amazônica, capaz de gerar vida e sustentabilidade para todos os povos da floresta.

Endereço do Autor:

SARES

Av. Constantino Nery, 1029 – Bairro Presidente Vargas

CEP 69010-160 Manaus, AM

Fone: 92-36229657 E-mail: rigonastro@hotmail.com

¹¹ <http://www.florestania.org/florestania/ToinhoFlorestania.htm>